

### O jeito que a gente diz: convencionalidade e idiomaticidade

Raphael Marco Oliveira Carneiro \*

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. Barueri: Disal, 2013. 223p.

*O jeito que a gente diz*, inicialmente publicado em 2005<sup>1</sup>, tornou-se referência imediata e necessária para inúmeras pesquisas realizadas no Brasil que lidam com aspectos da convencionalidade e idiomaticidade linguísticas. Tão popular o livro se tornou que, em menos de dez anos, Stella Tagnin presenteou a comunidade acadêmica com uma edição revista e ampliada (*O jeito que a gente diz*, Disal, 223p. ISBN 978-85-7844-127-2). O par linguístico inglês e português continua sendo o foco desta nova edição, mas também foram acrescentados exemplos muito bem-vindos em alemão, espanhol, francês e italiano em quadros comparativos ao final de cada capítulo. Outro diferencial da obra é o acréscimo de atividades ao final de cada capítulo, que possibilitam um engajamento maior por parte do leitor no estudo dos tópicos abordados.

Em 18 seções, a autora faz um percurso pelas diversas manifestações lexicogramaticais resultantes dos fenômenos convencionais e idiomáticos das línguas, desde estruturas formadas por apenas duas palavras até unidades maiores caracterizadas pela polilexicalidade e relativa fixidez. O recorte dado às unidades linguísticas tratadas na obra está situado no campo de estudos conhecido como Fraseologia, “[...] um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as ‘unidades lexicais’ constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas e de frases, com grau variável de lexicalização [...]” (BARBOSA, 2012, p. 249). A autora também trata de questões relativas à Linguística de *Corpus*, abordagem dos estudos linguísticos que muito contribui para os estudos fraseológicos.

Apesar de não ser mencionado na obra, vale comentar que as noções de convencionalidade e idiomaticidade provêm do princípio idiomático da produção linguística

---

\* Professor substituto do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando em Linguística e Linguística Aplicada pela UFU. E-mail: raphael.olic@gmail.com.

<sup>1</sup> Há uma edição da mesma autora que trata da mesma temática, intitulada ‘Expressões idiomáticas e convencionais’ publicada em 1989 pela editora Ática.

postulado por Sinclair (1991). Esse princípio esclarece que as palavras não ocorrem em um texto aleatoriamente, de modo que o falante faz uso de unidades semi-pré-construídas que, apesar de serem analisáveis em segmentos, constituem escolhas únicas (SINCLAIR, 1991). Em outras palavras, os falantes dispõem de unidades linguísticas previamente armazenadas em blocos na memória, de modo que ao produzirem um enunciado reiteram e repetem sintagmas anteriormente usados, culminando na cristalização de padrões linguísticos. Esse fenômeno pode ser o resultado da recorrência de situações comunicativas semelhantes na vida humana em sociedade, da tendência à economia de esforço e das exigências da comunicação em tempo real, conforme Sinclair (1991) observa.

A introdução e a seção 2 que tem o mesmo título do livro estabelecem a temática e o propósito da obra. Com base no conceito de “falante ingênuo” proposto por Charles J. Fillmore, a autora introduz o tópico da convencionalidade, definido como “[...] o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística” (TAGNIN, 2013, p. 19). O que caracteriza o “falante ingênuo” é justamente não saber o que é convencional em dada língua, o que leva o falante a soar pouco natural em suas manifestações linguísticas, mesmo que os seus enunciados estejam gramaticalmente adequados.

A idiomaticidade, por sua vez, é tratada na seção 3. É definida como o aspecto convencional do nível do significado, em que o significado de uma unidade linguística não é transparente. Nas palavras da autora, a idiomaticidade ocorre “[...] quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos” (TAGNIN, 2013, p. 22). A autora chega à importante conclusão de que toda expressão idiomática é convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática.

O capítulo 4 diferencia os níveis linguísticos da convencionalidade em sintático (gramaticalidade, ordem, combinabilidade), semântico (significado da forma e da imagem) e pragmático (situação e expressão verbal). Cada um desses níveis engendra unidades fraseológicas de diferentes formas e funções, as quais são posteriormente explicadas e exemplificadas em detalhes em capítulos específicos.

Quando da publicação da primeira edição deste livro, a Linguística de Corpus (LC) ainda engatinhava em terreno brasileiro. O livro introdutório à LC no Brasil de Tony Berber Sardinha tinha sido publicado apenas um ano antes, 2004. Na publicação da nova edição, contudo, o cenário já é outro. A LC tem se desenvolvido a passos largos tanto na compilação e disponibilização de *corpora online* quanto nas parcerias de pesquisa com outras áreas,

revelando-se como uma abordagem dinâmica e produtiva no estudo das línguas. É com esse espírito que Tagnin amplia o capítulo 5 que trata da LC. Além de apresentar as ferramentas básicas (concordanciador, lista de palavras e lista de palavras-chave) utilizadas para o processamento e a análise de *corpora*, a autora apresenta resumidamente a constituição e as interfaces de consulta de *corpora* do português, inglês, bilíngues e de aprendizes. Há também a descrição de procedimentos básicos de compilação e armazenamento de *corpora* personalizados para fins de pesquisa ou ensino.

Do capítulo 6 em diante, a autora dedica cada um deles a um tipo de unidade fraseológica, começando com as coligações. Uma coligação é “a combinação consagrada de um elemento lexical com uma categoria ou padrão gramatical” (TAGNIN, 2013, p. 53). Dentre as coligações, há coligações de regência (*look at*/olhar para, *long for*/ansiar por), verbos frasais (*look up*/consultar, *give in*/render-se) e coligações prepositivas (*at random*/ao acaso, *in accordance with*/de acordo com).

As colocações, combinações lexicais consagradas de duas ou mais palavras de conteúdo (TAGNIN, 2013), são abordadas no capítulo 7 e classificadas em colocações adjetivas (*outside chance*/hipótese remota), colocações nominais (*bay leaf*/folha de louro), colocações verbais (*make trouble*/criar problemas), colocações adverbiais (*lavishly illustrated*/fartamente ilustrado), expressões especificadoras de unidade (*a clove of garlic*/um dente de alho) e coletivos (*a gaggle of geese*/um bando de gansos).

Os binômios, geralmente formados “[...] por duas palavras pertencentes à mesma categoria gramatical e ligadas por uma conjunção ou preposição [...]” (TAGNIN, 2013, p. 81), ganham espaço no capítulo 8, sendo subdivididos em binômios de elementos idênticos não-idiomáticos (*on and on*, *again and again*) e idiomáticos (*all in all*/em resumo; *by and by*/após algum tempo) e binômios de elementos diferentes não-idiomáticos (*assets and liabilities*/lucros e perdas; *facts and figures*/fatos e números) e idiomáticos (*by and large*/em geral; *hem and haw*/falar com hesitação).

No capítulo 9 são as estruturas agramaticais consagradas, “[...] nem tudo que dizemos é perfeitamente gramatical [...]” (TAGNIN, 2013, p. 91), que são exploradas em termos de estruturas sintaticamente cristalizadas (*how come?*, *let alone*, *long time no see*) e bloqueio sintático imprevisível (verbos que co-ocorrem obrigatoriamente com *can*, como em *I can afford it*, mas não *Sure I afford it* e *I can't bear it*, mas não *I bear it*).

Expressões convencionais, como *fit for human consumption*/adequado para consumo humano e *best before*/prazo de validade são brevemente tratadas no capítulo 10. A autora classifica como expressões convencionais as chamadas unidades estendidas de significado (*extended units of meaning*) conceituadas por Tognini-Bonelli (2001).

As expressões idiomáticas no capítulo 11 são exploradas pelo viés da forma linguística, da imagem e de expressões metafóricas. A forma linguística torna-se convencionalizada quando o significado de dada expressão torna-se distinto dos significados de seus constituintes, ou seja, são expressões semanticamente convencionalizadas, como em *pay the piper*/arcar com as consequências e *in the soup*/em encrenca; em confusão; em maus lençóis. Em certos casos, o significado de uma expressão idiomática reside na imagem aludida por ela. A autora se apoia nas ideias de Lakoff e Johnson (1979) para explicar as convenções na cultura ocidental dos significados das imagens ‘para cima’ e ‘para baixo’ como ‘bom’ e ‘ruim’, respectivamente, gerando expressões como *up and around*/recuperado de uma doença e *down on one’s luck*/sofrendo de falta de sorte. Símbolos, expressões de natureza comparativa, como *cunning as a fox*/esperto como uma raposa e *easy as pie*/fácil como tirar doce de uma criança, também apresentam a imagem como componente semântico das expressões idiomáticas. Ao tratar das expressões metafóricas, a autora apresenta as expressões em distintos graus de idiomaticidade, classificando os exemplos *to put oneself out*/se virar do avesso para fazer algo e *to hold one’s head up*/andar de cabeça erguida, como mais idiomático e menos idiomático, respectivamente. Chega-se à conclusão de que, enquanto as expressões metafóricas deixam transparecer a relação entre seu significado e a imagem aludida, nas expressões idiomáticas não é possível recuperar essa relação, de modo que o significado é totalmente arbitrário.

Os marcadores conversacionais, expressões linguísticas de natureza pragmática que sinalizam atitudes e comportamentos na interação social, são classificados no capítulo 12 em marcadores conversacionais de estruturação semântica (*To my mind...*/A meu ver..., para expressar opinião), marcadores conversacionais de sinalização do contexto social (*Can you spare a minute?*/Pode me dar um minuto?, para expressar desejo de tomar o turno), marcadores conversacionais de sinalização da disposição de entendimento (*I’d like to hear all about it.*/Gostaria de saber tudo a respeito, para expressar disposição para receber), marcadores conversacionais de sinalização de controle da comunicação (*What I’ve been telling you all along is...*/O que estou dizendo o tempo todo é..., para esclarecimento de mal-entendido).

No capítulo 13, a autora trata das fórmulas situacionais. Tais fórmulas constituem “[...] padrões pré-moldados de pensamento e de expressão verbal” (TAGNIN, 2013, p. 118) ativados a partir de cada situação de interação social. Tão importantes são essas fórmulas para o aprendizado de línguas que mais ao final do livro, uma lista delas é fornecida. Essa categoria abrange fórmulas situacionais sintáticas de polidez (*Would you mind not smoking?/Você se incomodaria de não fumar?*) e distanciamento (*No complaints from this quarter/Nenhuma reclamação da minha parte*), fórmulas fixas, como frases feitas (*You’re telling me?/É para mim que você vem contar?*), citações (*To be or not to be, that’s the question!/Ser ou não ser, eis a questão!* (Shakespeare)), provérbios (*All that glitters is not gold./Nem tudo que reluz é ouro*), e fórmulas de rotina, como saudações (*Have a nice day./Tenha um bom dia.*), agradecimentos (*Thank you very much./Muito obrigado.*), desculpas (*I’m so sorry. I didn’t mean to./Sinto muito, foi sem querer*), votos (*Many happy returns of the day./Que esta data se repita por muitos anos.*), situações à mesa (*It’s on me./É por minha conta.*).

Após a conclusão, em que a autora reafirma o maior propósito da obra, “[...] conscientizar o leitor dos diversos aspectos convencionais a que deve estar atento para não passar por um ‘falante ingênuo’” (TAGNIN, 2013, p. 131), várias fórmulas situacionais são elencadas no apêndice, tanto em inglês-português quanto em português-inglês. Em seguida, há um vocabulário crítico, com termos, definições, exemplos e remissivas, que certamente facilitam o entendimento da terminologia empregada na obra. As referências bibliográficas apresentadas com comentários da autora são muito úteis para orientar o leitor na escolha daquelas que melhor contribuirão para o aprofundamento das questões abordadas. Os anexos trazem contribuições muito bem-vindas das pesquisadoras Eva Glenk, para o alemão, Heloísa Cintrão, para o espanhol, Adriana Zavaglia, para o francês e Angela M. T. Zucchi, para o italiano, de modo que são apresentados exemplos nas referidas línguas para cada uma das unidades fraseológicas apresentadas a partir do capítulo 6. O acréscimo desses anexos contribui para o enriquecimento, a abrangência e o alcance do potencial público-leitor.

Tendo apresentado de forma concisa o conteúdo de cada capítulo, podemos perceber que, ao mesmo tempo em que a autora introduz o leitor aos aspectos mais relevantes da convencionalidade e idiomaticidade linguísticas, ela também propõe uma classificação das manifestações lexicogramaticais convencionais e idiomáticas. Cabe ressaltar que, essa classificação não é estanque, nem unânime, de modo que as diferentes categorias se interpenetram, e diferentes autores adotam classificações e denominações diferentes para as

diversas unidades fraseológicas. Um exemplo é a unidade *by and large* que a autora usa como exemplo das categorias binômio, estrutura agramatical consagrada e expressão idiomática. Ou seja, uma mesma unidade fraseológica pode ser classificada em níveis simultâneos de convencionalidade.

Achamos pertinente acrescentar, a título de exemplificação, como a convencionalidade, apesar de estar presente na língua em nível de sistema, quando da sua atualização no discurso, pode resultar em seu oposto, isto é, na quebra de convencionalidade. O uso intencional da não-convencionalidade serve para a geração de efeitos críticos, estético-estilísticos, humorísticos, satíricos, dentre outros. Esse fenômeno é comumente conhecido como remotivação ou descrystalização de unidades lexicais anteriormente lexicalizadas, que configura neologismos fraseológicos. Conforme observado em Carneiro (2016), o discurso literário de fantasia é um ambiente textual propício para esse tipo de criação neológica. Ao examinar o uso fraseológico de termos ficcionais no discurso literário de fantasia da série infantojuvenil Harry Potter, atestamos que certas unidades fraseológicas são remotivações de fraseologismos convencionais da língua inglesa em nível de sistema. Por exemplo, *don't count your chickens before they are hatched* é uma unidade convencional que, em *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, é atualizada como *don't count your owls before they are delivered*. Dois vocábulos da expressão convencional (*chickens* e *hatched*) foram comutados por outros (*owls* e *delivered*), caracterizando, assim, a unidade fraseológica neológica como parte do mundo ficcional engendrado pelo texto ficcional literário.

Cabe notar que Stella Tagnin, em parceria com outros pesquisadores, tem movimentado a produção editorial de livros dedicados à LC em interface com outras áreas no Brasil. Em um período de dez anos, de 2005 a 2015, além da presente obra resenhada e de livros com trabalhos provenientes de congressos, como do Encontro de Linguística de *Corpus*, a autora também organizou coletâneas de trabalhos resultantes de pesquisas científicas, de autores brasileiros, que exploram, dentre outros aspectos, a relação entre convencionalidade e idiomatidade na interface com *corpora* eletrônicos no ensino de línguas estrangeiras, na terminologia e na tradução (cf. CARNEIRO; NOVODVOSKI, 2015). Assim, aproveitamos o ensejo para expressar a necessidade e a importância de que pesquisadores busquem produzir obras que ampliem a representatividade de estudos brasileiros que fazem uso da LC em interface com as mais diversas subáreas dos estudos da linguagem, de modo a serem referências para a pesquisa nessas áreas no Brasil.

Como última observação, apontamos que a obra como um todo é de interesse tanto para estudantes de línguas, graduandos, pós-graduandos, quanto para professores e tradutores. Ressaltamos o potencial didático do volume que, ao incorporar atividades práticas, contribui para o seu uso em aulas de cursos de graduação e pós-graduação. Assim, para edições futuras seria interessante acrescentar sugestões de respostas aos exercícios propostos ao longo da obra, potencializando seu papel didático. Além de um capítulo que trate também de questões relativas à remotivação ou formação de unidades fraseológicas neológicas no discurso com efeitos diversos, também seria um ganho para o leitor, indicar nos contextos linguísticos das unidades fraseológicas exemplificadas o gênero textual-discurso do qual elas foram retiradas. Saber se o uso fraseológico é em um texto acadêmico, científico, jornalístico, literário, dentre tantos outros, faz grande diferença em uma perspectiva voltada para o uso e a produção textual. Essa seria uma contribuição muito relevante para desenvolver os letramentos e as competências de adequação linguística aos diversos gêneros em circulação no meio social.

Em suma, trata-se de uma obra acessível e importante para a tomada de consciência da natureza convencional e idiomática das línguas, que tanto contribui para o desenvolvimento de competências orais e escritas de aprendizes de línguas estrangeiras e para a produção de traduções mais acuradas.

### Referências Bibliográficas

BARBOSA, M. A. A fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação: no sistema, nas normas, no falar concreto. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.) Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia. **Anais...**v.1, Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 247-254.

CARNEIRO, R. M. O. **Discurso literário de fantasia infantojuvenil**: proposta de descrição terminológica direcionada por corpus. 2016. 281 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18082>. Acesso em: 24 jul. 2017.

CARNEIRO, R. M. O.; NOVODVORSKI, A. VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). Corpora na tradução. São Paulo: Hub Editorial, 2015. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 430-440, ago. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p430>. Acesso em: 24 jul. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35n2p430>

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1979.



SINCLAIR, J. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português**. Barueri: Disal, 2013.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus linguistics at work**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.  
<https://doi.org/10.1075/scl.6>

Retrospectiva recebida em: 04.01.2017

Retrospectiva aprovada em: 30.06.2017